

FMI e Bird recebem mais do que emprestam

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Diretores do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial admitiram aqui, nos últimos dias, que vem se tornando cada vez mais embaraçoso para eles notar que, nos últimos anos, essas duas instituições vêm se tornando grandes "importadoras de capital" dos países mais pobres. Tanto o FMI quanto o Bird têm recebido mais do que emprestado ao Terceiro Mundo.

As estatísticas de ambas instituições, fartamente distribuídas durante a reunião semestral do Fundo, na semana passada, eram a prova implacável desse fenômeno. Os empréstimos líquidos do Bird — ou seja, o total de dinheiro novo repassado aos países em desenvolvimento, menos os pagamentos deles recebidos por antigos empréstimos — caíram de US\$ 3 bilhões (CZ\$ 4,95 trilhões) em 1985 para US\$ 532 milhões (CZ\$ 87,78 bilhões) em 1986, e despencaram pa-

ra apenas US\$ 398 milhões (CZ\$ 65,67 bilhões) no ano passado.

O FMI não ficou atrás nesse processo. Só no ano passado o Fundo recebeu US\$ 8,6 bilhões (CZ\$ 1,41 trilhão) a mais em pagamentos do Terceiro Mundo do que desembolsou.

— E por isso que estamos insistindo num aumento urgente de capital do Fundo, para poder dispor de um volume maior de empréstimos — justificou-se o Diretor Gerente do FMI, Michel Camdessus.

Barber Conable, Presidente do Bird, que já conseguiu a aprovação para aumentar o capital da entidade em US\$ 70 bilhões (CZ\$ 11,55 trilhões) — o que significa elevar a carteira de empréstimos de US\$ 15 para US\$ 20 bilhões (CZ\$ 3,3 trilhões) — argumentou que a queda nos empréstimos é, na verdade, um reflexo da profunda crise que atravessam os países em desenvolvimento.

— Acontece que nossos empréstimos são apenas complementares. Ou seja, nós financiamos projetos preparados pelos próprios governos, en-

trando com uma parte do seu custo final. Quer dizer: para que o estudo vá adiante é preciso que os governos financiem uma parte. Só que, por falta de fundos, de poupança interna, os países estão diminuindo os projetos. E se eles inexistem, o Banco Mundial não tem como investir pois, como disse, nosso dinheiro é canalizado através de programas específicos de obras — explicou Conable.

Segundo o Banco Mundial, os países em desenvolvimento sofreram uma perda de US\$ 85 bilhões (CZ\$ 14,02 trilhões) desde 1982. Esse dinheiro saiu dessas nações tanto na forma de pagamentos de dívidas quanto na de evasão de capital. Essa cifra, no fundo, mostra que houve também um corte espetacular na entrada de dinheiro novo na região. Afinal, cinco anos antes — ou seja, entre 1977 e 1982 — os números eram exatamente opostos: os países em desenvolvimento tiveram uma entrada de capital equivalente a US\$ 140 bilhões (CZ\$ 23,10 trilhões).